

A PEDAGOGIA DO IMAGINÁRIO EM CLARICE LISPECTOR

Keytiane Alexandre¹

Faculdade São Miguel

Resumo:

Este trabalho tem como principal objetivo a promoção de uma reflexão sobre a importância do texto literário na educação e suas implicações na pedagogia através da exploração do imaginário despertado na leitura do livro *O mistério do coelho pensante* (1967), de Clarice Lispector. Para tanto, o livro de Lispector foi analisado a partir das ideias de Vânia Maria Resende em *Literatura infantil e juvenil* (2000), Lígia Cadermatori no livro *O que é literatura infantil* (2007) e Jean-Jacques Wunenburger e Alberto Filipe Araújo em *Educação e imaginário: introdução a uma filosofia do imaginário educacional* (2006).

Abstract:

This article aims to promote reflection about the importance of the literary text in education and its implications for pedagogy, by exploring the imaginary concepts that arise from the reading of Clarice Lispector's *O mistério do coelho pensante* (1967). To reach that objective, Clarice's book was analyzed from the viewpoints of Vânia Maria Resende in *Literatura infantil e juvenil* (2000), Lígia Cadermatori in *O que é literatura infantil* (2007) and Jean-Jacques Wunenburger and Alberto Filipe Araújo in *Educação e imaginário: introdução a uma filosofia do imaginário educacional* (2006).

“Escrever é tantas vezes lembrar-se do
que nunca existiu”.
(Clarice Lispector)

1. Aluna da Faculdade São Miguel. Trabalho apresentado na disciplina de Literatura Brasileira III, sob orientação da prof.^a Ms. Sherry Almeida em 2009.2.

O livro escolhido para análise, *O mistério do coelho pensante* (1967), foi a primeira obra de literatura infantil de Clarice Lispector², a qual traz a história misteriosa de um coelhinho gordo chamado Joãozinho, que conseguia fugir da sua casinha feita de grades muito estreitas e pesadas sozinho, embora só fosse possível sair dela se alguém levantasse as grades. O narrador da história dialoga com Paulinho, um personagem menino, que se identifica biograficamente com o filho Paulo de Clarice – que teria solicitado a história à mãe escritora. Através desse recurso metalinguístico, a autora aproxima narrador e leitor, propiciando um maior envolvimento dos leitores com a narrativa. Paulinho, mais que uma personagem, é a personificação de todas as crianças leitoras do livro: “Pois olhe, Paulo, você não pode imaginar o que aconteceu com aquele coelho” (Lispector, 1999).

Antes de iniciar o estudo sobre a pedagogia do imaginário nessa narrativa, faz-se necessário discorrer um pouco sobre o imaginário. Segundo Houaiss “imaginário” é algo criado pela imaginação e que só nela tem existência; algo que não é real; fictício. (Houaiss, 2001). O imaginário seria, então, aquilo que não tem existência real ou um conjunto de imagens concebidas por um indivíduo ou uma coletividade. Mas, seria o imaginário tão irreal e vago que se resumiria apenas a um aglomerado de ideias?

Araújo e Wunenburger (2006) afirmam que o imaginário não é apenas um termo que designa um conglomerado de imagens heteróclitas, mas remete para uma esfera psíquica onde as imagens adquirem forma e sentido (...) o imaginário obedece a uma lógica (Wunenburger & Araújo,

2. Clarice Lispector nasceu em Tchetchelnik, Ucrânia, U.R.S.S., 1926 – Rio, 1977. Adolescente, lê Graciliano, Herman Hesse, Julien Green. Em 1943, aluna da Faculdade de Direito, escreve o seu primeiro romance, *Perto do coração Selvagem* (BOSI, 2004, p. 423). Embora não tenha nascido no Brasil, a própria autora considerava-se brasileira: “Sou brasileira naturalizada, quando, por uma questão de meses poderia ser brasileira nata” (apud NICOLA, 1997, p. 383). Viveu muitos anos no Recife e conheceu muitos países. Teve dois filhos, Pedro e Paulo, para quem escreveu cinco livros com temas infantis, sendo eles: *O mistério do coelho pensante* (1967); *A vida íntima de Laura* (1968); *A mulher que matou os peixes* (1974); *Quase de verdade* (1978) e *Como nasceram as estrelas* (1987).

2006: 11). É este sentido lógico, organizado e estruturado da imaginação que contribui para o desenvolvimento humano, pois as maiores invenções do homem aconteceram, dentre outros fatores, por conta da sua imaginação criadora e produtiva. Para Montessori, citada por Wunenburger e Araújo (Wunenburger & Araújo, 2006: 72), “a imaginação se não está ao serviço da criação, perde a sua áurea e o seu poder, na medida em que somente alimenta um espírito vadiando no vazio”.

O imaginário, ao atribuir forma e sentido às imagens, busca significações intelectuais e é entendido aqui como uma das atividades da imaginação, sendo esta uma atividade complexa da mente humana. Para (Wunenburger & Araújo, 2006: 15) epistemologicamente, o imaginário é obra de uma imaginação transcendental.

Grosso modo, enquanto a imaginação produz, reproduz e projeta as imagens, o imaginário procura atribuir-lhes significados. São atividades diretamente ligadas e distintas em suas funções.

A conciliação entre esta imaginação e a pedagogia é uma das contribuições relevantes para a formação do ser. Em Wunenburger e Araújo (2006: 9), a função educativa da imaginação é tomada como “a faculdade que assume e constrói a coerência do ser, tece e projeta as imagens sempre necessárias à ‘Bildung’ humano”, isto é, à formação humana, pensamento comungado por autores como Montessori; Dewey; Claparède e Freinet.

O que Lispector nos oferece em seu livro *O mistério do coelho pensante*, é a oportunidade de criação através do imaginário, e não uma mera reprodução de imagens aglomeradas e sem significado. A autora estimula a imaginação pelas imagens que são apresentadas no decorrer da história, de tal maneira que o leitor reproduz e produz novas histórias. De acordo com Wunenburger e Araújo a imaginação é essencialmente reprodutiva, na medida em que ela reutiliza materiais provenientes da experiência perceptiva. Mas ela prova igualmente que é capaz de produzir uma informação própria (2006: 16).

Quando se compreende que a escola não é possuidora de verdades absolutas e que dificilmente o ser humano constrói algo sem o uso da imaginação, deve-se lançar mão de meios que unidos ao raciocínio, sejam capazes não apenas de reproduzir, mas de criar; e, para tal, contamos com o simbólico e o imaginário. Estes que são o fomento para a criação literária.

Para pensar as relações da literatura com o imaginário, a realidade e a verdade, vale a pena lembrar, como afirma a crítica Leyla Perrone-Moíses, os variáveis sentidos da palavra *mito* que

para os primitivos é a história verdadeira, enquanto para nossa civilização *mito* tem o sentido de coisa puramente imaginária, por consequência, mentirosa. Porém são apenas concepções diferentes sobre verdade, além de ser modos distintos de buscá-la. O modo literário de buscar a verdade continua sendo o modo simbólico do mito. O trabalho da forma é indispensável porque só ela dá aquela visão aguçada que abre trilhas no emaranhado das coisas. Ao selecionar, o escritor atribui valores, e ao fazer um arranjo novo sugere uma reordenação do mundo. É por esse artifício da forma que a literatura atinge uma verdade do real. (Perrone-Moíses, 1990: 106)

Comece-se, pois, a análise pelo título do livro: *O mistério do coelho pensante*. Nosso primeiro ato ao ler ou ouvir tal título é imaginarmos um coelho que pensa; em um segundo momento, e agora, mais atentos nas palavras usadas, percebemos que cada uma delas aguça diretamente o imaginário. A própria palavra mistério nos induz a uma curiosidade que nos é inata enquanto seres humanos e nos leva a pensar que mistério é esse.

O animal escolhido pela autora não poderia ser mais propício para despertar a fantasia, pois o coelho existe em nosso imaginário cultural como um animal mágico, visto que, ao longo dos tempos, a imagem do mágico

tirando o coelho da cartola, através de um truque, atribuiu ao animal uma áurea de encantamento. Por fim, descobre-se que esse não é um coelho qualquer, é um coelho pensante, nada mais fantástico do que isso para a mente dos seus leitores: “É que ele pensava essas algumas ideias com o nariz dele. O jeito de pensar as ideias dele era mexendo bem depressa o nariz” (Lispector, 1999).

Todo o livro é muito rico para o desenvolvimento desse imaginário que é tão importante para a construção de conceitos livres e, conseqüentemente, de leitores e cidadãos mais críticos, sendo essa uma das principais propostas da literatura. Segundo Cadermatori,

se o homem se constitui à proporção da formação de conceitos, a infância se caracteriza por ser o momento basilar e primordial dessa constituição (...) a literatura se configura não só como instrumento de formação conceitual mas também de emancipação da manipulação da sociedade (Cadermatori, 2007: 23).

A formação desses conceitos livres que a literatura deve promover quando bem trabalhada é uma ponte que levará à autonomia do ser humano enquanto ser pensante, levando-o à libertação dos conceitos massificados. A esse respeito, Cadermatori afirma que “a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência “por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento” (Cadermatori, 2007: 23).

Lispector não dá margem para nenhuma interpretação fechada em sua obra, existe uma liberdade interpretativa que contribui para a criação por parte do leitor dentro da história, tornando-o co-autor da obra. De acordo com Claparède, citado por Wunenburger e Araújo (2006, p. 76), “é a imaginação criadora que eleva o homem acima da natureza permitindo-lhe agrupar os elementos em novas combinações”. A narrativa não especifica

lugar, tempo nem espaço. Os personagens criados são poucos e não possuem sua própria fala, a única fala que existe é a do autor-narrador-personagem e que fazendo uso da metalinguagem provoca uma das reações que todo autor espera manter em relação ao leitor, que é manter sua atenção ao objeto literário do início ao fim da história:

Você na certa está esperando que eu agora diga qual foi o jeito que ele arranhou para sair de lá. Mas aí é que está o mistério: não sei! E as crianças também não sabiam. Porque, como eu lhe disse, o tampo era de ferro pesado. Pelas grades? Nunca! Lembre-se de que Joãozinho era um gordo e as grades eram apertadas (Lispector, 1999).

Essa atenção não é fruto apenas da linguagem, mas também do que ela proporciona, e, no caso desse livro, o suspense causado e as imagens que são criadas a partir do próprio léxico escolhido, pois ativam a curiosidade para desvendar o mistério que leva ao imaginário. Resende acrescenta que

conviver com o imaginário da arte é ultrapassar as superficialidades e a ordem habitual das coisas, para reconhecer a beleza e a profundidade que residem não só nas ideias, mas, sobretudo, na linguagem, que é o modo novo de perceber e de dizer o mundo (Resende, 2000: 164).

A proposta encontrada no livro analisado é de uma leitura educativa, pois promove a individualidade criativa. Isso porque não condiciona o leitor, desenvolve sua habilidade criadora de maneira original e liberta suas ideias porque requer do leitor a capacidade imaginativa para se completar. É uma educação que se faz através da arte, e da arte de imaginar dialogando com o “real” de cada um, sem precisar de muito esforço para alcançar essa

consciência livre e produtiva: “Você acha, Paulo, que os donos de Joãozinho zangavam com ele? (...) Que é que você acha que Joãozinho fazia quando fugia? (...) Quando você descobrir você me conta” (Lispector, 1999). Através dos questionamentos, a autora instiga o imaginário. Há uma metodologia talvez até inconsciente por parte da autora que liberta a imaginação de tal forma que ultrapassa todos os conceitos preexistentes, pois em nenhum momento duvida-se, pela maneira que é narrada a história, da verdade da mesma: “Mas acontece que esta história é uma história real. E todo mundo sabe que essa ideia é exatamente a espécie de ideia que um coelho é capaz de cheirar” (Lispector, 1999).

Para tal afirmação, além do trecho acima, faz-se necessário expor dados de uma experiência vivida por mim, na condição de professora, na sala de aula com alunos da 4ª série de uma escola pública. É válido ressaltar, antes da exposição, que a relação dos alunos dessa turma com a literatura não é das mais íntimas, visto que não possuem tanto contato com livros por questões socioeconômicas.

Após as leituras, individual e coletiva, do livro, passou-se na sala uma folha de exercícios. Uma das perguntas chamou maior atenção pelas respostas que foram dadas. Pedia-se para dar uma explicação sobre a saída do coelho da casinha onde ficava preso, encontramos as mais variadas e criativas respostas, que o coelho era mágico; que havia um buraco na casinha que ninguém viu; que Paulinho abria a casinha escondido e o coelho fugia, etc. Nenhum deles cogitou sobre a “verdade” do acontecimento, comprovando que o imaginário cria uma realidade, e, nesse caso, ficou claro que a “realidade” depende do imaginário de cada um e este último é carregado de influências concretas da vida real, ou de como ela é percebida.

A mescla do animalesco com o humano também deve ser enxergada como um recurso literário educativo, pois permite pensar o humano através do animal. Resende afirma que “o animismo infantil leva a criança a

transformar o inumano em humano, o real em fantástico” (Resende, 2000: 122). O coelho tinha nome de gente; pensava de maneira maravilhosa, no sentido literário, com o nariz; possuía uma alegria humana e atitudes humanas, “o jeito de pensar as ideias dele era franzindo o nariz (...). De pura alegria seu coração bateu tão depressa (...) e ficou encantado” (Lispector, 1999).

As imagens criadas aqui geram sentidos únicos de acordo com a recepção e a percepção dessas imagens, desse coelho quase gente, sentidos esses que dependerão da interpretação dos símbolos. A autora mais uma vez induz na criação individual de significados e as suas inferências na obra só suscitam ainda mais essa criatividade no imaginar do leitor “mas o problema era o seguinte: como era que ia poder sair lá de dentro? (...) o que é que você acha que Joãozinho fazia quando fugia?” (Lispector, 1999).

Embora não se queira aqui desmerecer as obras destinadas a uma educação que priorize a moral, pois cada obra tem a sua utilidade dentro do que se quer oferecer como educação. Percebe-se que, enquanto a pedagogia moralizante faz uso de obras que demonstram para cada “pecado” cometido há uma punição, na obra de Clarice Lispector não há certo nem errado, nem castigo, nem uma moral no final. O que se quer ressaltar, por fim, é que a narrativa de *O mistério do coelho pensante* oferece uma pedagogia que se utiliza do imaginário para libertar a mente das “grades”. Na realidade, não há moral nem há um final: deixa-se uma lacuna para a continuação da história. Sendo essa lacuna o seu grande mérito, pois é nesse espaço que se potencializa a capacidade criativa dos seus leitores: nada é fechado e a narrativa se encerra com a abertura para que o leitor busque a sua verdade.

Referências bibliográficas

- BOSI, Alfredo (2004). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix.
CADEMARTORI, Lígia (2004). *O que é literatura infantil*. São Paulo, Editora Brasiliense.

HOUAISS, Antônio (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva.

LISPECTOR, Clarice (1999) *O mistério do coelho pensante*. Rio de Janeiro, Rocco.

NICOLA, José de (1998). *Literatura brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo, Scipione.

PERRONE-MOÍSES, Leyla (1990). *A criação do texto literário*. In: *Flores da escrivantina: ensaios*. São Paulo, Cia. Das Letras.

RESENDE, Vânia Maria (2000). *Literatura infantil e juvenil: vivências de leitura e expressão criadora*. São Paulo, Saraiva.

WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe (2006). *Educação e imaginário: introdução a uma filosofia do imaginário educacional*. São Paulo, Cortez.